



OS CORPOS ENRUGADOS CUIDAM, OS CORPOS VIÇOSOS GOZAM?

Modelos de feminilidade e relações de gênero e gerações no universo dos populares na Paraíba

Keila Queiroz e Silva RAMOS¹

Resumo:

O presente trabalho consiste em um diagnóstico sócio-antropológico de algumas famílias pobres campinenses e pessoenses que têm como provedores e cuidadores, os/as avós. O contato com o universo simbólico dos homens e mulheres jovens e idosos dessas comunidades tem ampliado a minha subjetividade feminina para além dos preconceitos éticos e estéticos construídos no cotidiano aburguesado da classe média brasileira. A desconstrução de estereótipos comportamentais relacionados aos lugares geracionais e de gênero que os meios formativos urbanos nos impõem simbolicamente, fez-me reescrever a minha textualidade corporal, a partir da interlocução com corpos jovens e idosos plásticos e estranhos. As questões de gênero e geração que permeiam as sutilezas e complexidades de toda a rede de relações que compõem esses territórios, refletem na configuração de múltiplos e desviantes modelos de família. Juventude e feminilidade nestes cenários representam afirmação do hedonismo, da hipersexualidade, da inserção no mundo da moda, do consumo e da beleza apreciável pela cultura das mídias. Velhice e feminilidade, quase predominantemente, são sinônimos de domesticidade, sentimento de maternagem, auto-abandono, cuidado com o outro, referência do vínculo familiar consanguíneo. A volatilidade dos amores jovens e fluídos descredencia o sentimento de família baseado na conjugalidade. A filiação e a conjugalidade caminham de mãos dadas nas comunidades pesquisadas, sobretudo no bairro São José em João Pessoa. Enquanto os corpos gozam, os filhos são reconhecidos. A partir do momento que o prazer acaba para um dos companheiros amorosos, os filhos perdem a sua importância.

Palavras-chave: Família, corpo, envelhecimento, masculinidades, feminilidades, sexualidades.

¹ Doutoranda PPGS/UFPB

Estamos em pleno século XXI, atravessamos o ano 2000, a passagem de um século para o outro. Fomos bombardeados por hipóteses catastróficas metafísicas e científicas com relação ao novo século. O cinema, a literatura, a religião e a ciência nos assediaram com discursos e crenças apocalípticas com relação à era informacional. Seríamos, todos humanos, neste novo século, devorados pelos robôs, inventados pela tecnologia hipermoderna.

A espetacularização dessa passagem cronológica criada pelo cristianismo tem ofuscado as chamadas revoluções moleculares (GUATARRI:1996) só percebidas através de um olhar horizontalizado para a sociedade contemporânea. O cotidiano, as micro-histórias, as micro-relações, os micro-poderes são a ponta do iceberg do grande cenário de crise paradigmática que o mundo novo está experimentando.

A revolução dos costumes da década de 60, por exemplo, é um marco desencadeador de profundas fissuras nos velhos modelos pai-orientados. Fomos forçados homens, mulheres, homossexuais e heterossexuais a sair dos holofotes para os microscópios, se queríamos dar continuidade ao nosso sentimento de pertença social através da reflexividade. O desejo moderno de categorizações estanques e homogêneas foi soterrado com as micropolíticas e macropolíticas experimentadas e apresentadas pelo movimento dos jovens na França e nos EUA, na condição de vanguarda revolucionária em oposição aos costumes, e a uma cultura política patriarcal, verticalizada. As minorias sociais entram em cena: as mulheres, os gays, os negros, os jovens, são sujeitos sociais que anunciaram as mutações, intensificadas em sua visibilidade no novo século.

A revolução demográfica, geradora de um crescente e fértil envelhecimento populacional apresenta-se neste momento como uma das revoluções moleculares mais relevantes para a redefinição das subjetividades hipermodernas. Frank Schirmacher, um filósofo alemão bem antenado às questões contemporâneas, apresenta em sua obra “*A Revolução dos Idosos*” (2005) o impacto social da longevidade no novo século. Ele se refere ao choque de gerações como uma guerra mundial, uma vez que a ditadura da ética e da estética jovem tem silenciado e até ridicularizado as subjetividades gerontes. O combate à gerontofobia representa a inserção das pessoas de 20, 30 ou 60 anos hoje no futuro cenário mundial. Quando defendemos o direito à vez e à voz por parte das pessoas idosas na atualidade, estamos possibilitando o reconhecimento material, simbólico e afetivo do nosso futuro corpo velho.

A conquista social da longevidade tem sido encarada pelos poderes públicos em todos os níveis como um fardo social. A leitura dos idosos tem sido orientada pela razão instrumental moderna. O texto cidade é escrito predominantemente pelos tecnocratas burgueses. As pessoas velhas no mundo urbano, portanto, têm se submetido a uma visão capitalista e utilitarista, sendo cruelmente banidos de sua dignidade, expressividade e da sua condição de cidadão universalmente categorizado. Improdutivos, demenciados, infantilizados, feios, dotados de corpos bizarros e repugnáveis pelo cenário do culto à juventude, doentes, frágeis, fracassados na luta contra a natureza. Frente às atitudes e crenças desqualificantes da população senescente, Frank Schirmacher apresenta como as maiores reivindicações do segmento idoso devem ser: a luta pela sua autoconfiança, pelo posto de trabalho e pela sua biografia.

O sociólogo Norbert Elias na condição de pensador ousado e denunciador das atitudes sociais excludentes, demarcadoras das fronteiras entre os estabelecidos e os outsiders (2000), deu uma excelente contribuição para a discussão acadêmica sobre as questões do envelhecimento nas sociedades por ele denominadas avançadas. Na sua belíssima obra “*A Solidão dos Moribundos*” (2001) ele provoca um profundo

questionamento dos olhares dos vivos com relação aos mortos, aos velhos e aos moribundos na Modernidade, onde se estabelece uma hierarquia entre os jovens e os velhos, entre os vivos e os mortos, entre os sadios e os moribundos, dando a estes uma condição de recalçamento e inferioridade. Elias insiste veementemente em seu trabalho na necessidade de reconhecimento de que a morte é um problema dos vivos, e a velhice é um problema dos jovens. Do aconchego ao isolamento, os “corpos decadentes”, após a institucionalização da velhice, da doença e da morte foram condenados ao abandono e à solidão, ao desentranhamento afetivo dos seus entes queridos de uma vida inteira. De forma bastante sensível Norbert Elias salienta que: “*É um grande apoio encontrar eco dos seus sentimentos nos outros que se ama e a quem se está apegado, e cuja presença faz surgir um sentimento de pertença à família humana*” (2001, p.99).

Outro grande referencial de análise para as complexas e provocativas questões que envolvem o processo de envelhecimento, tem sido o trabalho antropológico de Guita Debert. Ela tem se debruçado sobre a análise dessa profusão de discursos e imagens midiáticas em torno da velhice de forma bastante profunda e cuidadosa. A invenção da terceira idade, fenômeno cultural contemporâneo que reproduz a ditadura simbólica da juventude, é muito bem problematizada pela autora e por vários estudos gerontológicos e antropológicos sobre a velhice que não admitem práticas discursivas que homogeneizam a experiência do envelhecimento humano. Uma das suas obras fundamentais para refletir o envelhecer na contemporaneidade é “*A reinvenção da velhice*” (1999).

A ênfase nos estudos de processos diferenciais de envelhecimento também foi bem pontuada na obra “*Família e envelhecimento*” por Clarisse Ehlers Peixoto, além das contribuições de Myrian Moraes Lins de Barros em seu artigo inserido nesta obra intitulado “*Velhice na contemporaneidade*” (2004). As autoras analisam as questões do envelhecimento articulando-as às sutis revoluções moleculares nas esferas da família e da sexualidade. A chamada “crise” da família para Myrian Barros e Clarice Peixoto, gerada pela redução da taxa de fecundidade, pelo aumento da longevidade, pelo declínio da instituição casamento e pela progressiva aceitação social do divórcio, não representou o fim das famílias, mas a reconfiguração dos modelos familiares historicamente falidos. As famílias ampliadas, matrifocais, monoparentais, homoparentais, recompostas, e até unipessoais têm adentrado os cenários urbanos hipermodernos dessacralizando a família nuclear burguesa, sobretudo a experiência da maternagem.

As transformações relacionais provocadas com a revolução sexual dos anos 60, sobretudo nas subjetividades femininas, deslocaram a experiência da sexualidade da procriação, fabricando corpos femininos desejanter e orgásticos. As fissuras no ideário feminino inventado pela moral cristã e pela moral burguesa na sociedade ocidental se intensificaram de tal modo, que a corrosão dos outros modelos identitários foi inevitável. As masculinidades pautadas no modelo patriarcal, as relações familiares, amorosas e sexuais instrumentalizadoras do bom funcionamento da sociedade moderna também entraram em crise de sentido. As vitrines subjetivas dos corpos fabricados pela Modernidade ficaram obsoletas. Novos corpos se anunciaram, meio desengonçados, meio cambaleantes, outros caricaturais e agressivos, tudo isso típico de um momento de transição simbólica profundo e caótico.

Os paradoxos, as ambivalências, e mais enfaticamente a esquizofrenia de todas as experiências humanas na hipermodernidade, neste cenário sem mapas, sem bússolas e sem utopias têm silenciado a todos, colocando-nos em estado de perplexidade e de experiência do indizível. Por isso a escrita dos textos acadêmicos relacionados às ciências humanas ficou quase impossibilitada. O surpreendente, o imponderável, o

fúgido, a plasticidade, tudo isso representa os sintomas do mal-estar da sociedade contemporânea em sua dilacerante crise sógnica. As subjetividades dissidentes, estranhas, bizarras, neste cenário representam os fios revolucionários moleculares dessa rede social complexa e indecifrável.

Os estudos de Gênero e Sexualidade nesta desordem conceitual têm sido desafiados incessantemente, transitando entre práticas discursivas e extradiscursivas sustentadas em princípios universalizantes e outras baseadas em pressupostos relativistas, afirmadoras das identidades nômades. A tensão entre uma perspectiva universalizante e outra relativista de gênero é enfatizada no artigo da antropóloga Rita Laura Segato, professora de Antropologia Social da UnB. A autora apresenta no seu trabalho intitulado “*Os percursos do gênero na Antropologia e para além dela*” vários olhares feministas que afirmam a perspectiva universalista das discussões de gênero, quais sejam: Michelle Rosaldo (1974), para ela a hierarquia que se estabeleceu nas relações de gênero se deve a separação dos trabalhos da mulher e do homem nas esferas doméstica e pública, onde esta tem mais prestígio social, experiência bem típica das sociedades modernas; Nancy Chodorow (1974; 1978) assume uma leitura do feminismo síntese da relação entre a psicanálise e a antropologia, para ela a subordinação feminina é fruto da identificação da mulher com a mãe, impedindo-a de transformar-se num ser autônomo; já o homem emerge como um ser social através da ruptura com a mãe, portanto com o universo doméstico; Sherry Ortner (1974) constrói o seu discurso baseada na oposição althusseriana entre natureza e cultura, associando a mulher à natureza e o homem à cultura. A hierarquia masculino/feminino seria consequência da associação da mulher à natureza/objeto e do homem à cultura/ação. A autora enfatiza o trabalho de Gayle Rubin (1975) uma vez que para ela, a perspectiva antropológica estruturalista dialoga muito bem com a psicanalítica, “... *conjugando o construtivismo relativista e a universalidade da estrutura*”. (SEGATO: 1998, p. 08).

A matriz heterossexual ou a chamada heteronormatividade é bem salientada por Rubin, conforme citou SEGATO (1998) e por Judith Butler (1990). Ambas desnaturalizam o sexo, dando assim visibilidade à dimensão simbólica dos modelos femininos e masculinos e da própria sexualidade. A antropologia e o Feminismo têm dialogado com muitas tensões e paradoxos. O maior deles que é o foco do artigo anteriormente citado, da antropóloga Rita Segato, é a análise desessencializadora de toda e qualquer experiência humana em sociedade assumida pelas antropólogas, e ao mesmo tempo a necessidade de uma matriz essencial e universal para legitimar o movimento feminista. Pergunta a autora de forma bastante provocativa em seu texto: *Como conciliar a relatividade das construções culturais com a tendência universal da representação de gênero como hierarquia?* (SEGATO: 1998, P.10).

SEGATO termina o artigo sem responder às inquietações acima referendadas. Autores relativistas como Michel Foucault, Jurandir Freire Costa e Gilles Lipovetsky se opõem a todo e qualquer discurso que modelize e enrijeça identidades que venham a negar a plasticidade e/ou liquefaz dos corpos hipermodernos. O movimento feminista, conforme enfatizou Castells em seu artigo “*O poder da identidade*”(1999), elegeu como princípio universal de redefinição do gênero feminino, a oposição ao patriarcalismo. Os estudos de Gênero silenciaram os homens e deram ênfase insistentemente à subordinação histórica do feminino ao masculino. Como Foucault propõe uma leitura das relações de poder circular e móvel, essa concepção de poder verticalizada que o movimento feminista defendeu em sua bandeira de luta, onde a mulher é vitimizada independentemente do lugar social que ela ocupa, foi bem questionada pelo referido pensador transgressor.

A polifonia cultural do feminismo foi ofuscada pelo apego ao discurso essencialista e universalista de denúncia do falocratismo. O desejo moderno de substituição de um velho modelo por outro fixo, homogêneo e representativo para todas as mulheres ansiosas por emancipação, reconhecimento e prestígio social foi recorrente na trajetória do movimento feminista em nível internacional e/ou nacional. Castells aponta em seu artigo anteriormente citado para os conflitos de gerações no interior do movimento. As reivindicações homossexuais e outras que questionem o modelo emancipatório feminino que foi proposto e conquistado pela velha guarda em sua militância política, não são bem vindas pelas autoras de um projeto revolucionário moderno.

A atitude de escuta às diversidades femininas, masculinas, homossexuais, geracionais, só pode ser experienciada quando assumimos o lugar de apresentadores de cenários humanos, quando antropologizamos as nossas leituras de mundo. Os dogmas feministas, patriarcais, burgueses, rondam o nosso imaginário feminino, masculino, heterossexual, homossexual, enredando-nos em desejos classificatórios e de pertença impossibilitados pela fluidez do momento.

Lipovetsky (2000), Agenita Ameno (2001) e Susan Bordo (1997) desmistificam a emancipação feminina quando dão visibilidade em suas obras, respectivamente: *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*; *Crítica à tolice feminina*; *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Lipovetsky em sua obra apresenta a permanência e a revolução do feminino, procurando provocar um desvio da rota maniqueísta que enclausura os dois gêneros em universos estanques. A vitimização imaginária do feminino e a satanização do masculino impediu o diálogo entre as diferenças e aprofundou o abismo subjetivo entre ambos. A cultura do ressentimento enredou mais ainda os corpos femininos, masculinos, homossexuais, heterossexuais, jovens e idosos nos nós provocados pela rigidez conceitual moderna.

As mulheres, para Lipovetsky, se emanciparam de suas antigas servidões sexuais procriadoras, mas estão submetidas à coerções estéticas imperativas, mais geradoras de ansiedade. A tirania da beleza, fenômeno cultural do século XX, fabricou corpos que inscrevem a sua existência mais por seu parecer do que por seu “fazer social”. Para o autor a palavra de ordem neste cenário é: parecer jovem. Instaure-se aí a polícia do feminino, onde a nova cultura juvenil dita a estética feminina e/ou masculina aceitável e apreciável socialmente. A cultura das mídias tem proliferado imagens e discursos do anti-peso e do anti-envelhecimento. A febre da beleza e o mercado do corpo penetram no cotidiano de homens e mulheres de todas as gerações e classes sociais.

Ao mesmo tempo que os corpos femininos se embelezam e assumem cada vez mais o espetáculo urbano, mais solidão e vazio de sentido elas experimentam. Os corpos masculinos estão passando, conforme expôs Lipovetsky, por uma apatia sedutiva. Ele cria a imagem do Don Juan cansado para representar a nova catalepsia masculina, onde os homens caçadores estão em crise. Eles estão desnorteados nos seus papéis sociais. No Brasil, os estudos sobre as relações familiares contemporâneas têm mostrado o alto índice de famílias chefiadas por mulheres.

As ilusões da rebelião feminista também foram apresentadas por Agenita Ameno em sua obra “*Crítica à tolice feminina*” (2001). Ela denuncia o estado de fadiga e fragmentação das mulheres ressacadas com as mudanças na vida pública e privada das sociedades modernas. A autora salienta também a tirania da beleza, ao afirmar que as mulheres emancipadas têm que estar lindas, prontas e felizes. A consciência de gênero para Agenita Ameno perpassa pela percepção de que, o que interessa à mulher interessa à humanidade, pela relevância dos papéis sociais que ela tem ocupado nas esferas pública e privada. O sistema capitalista, para a autora, foi revigorado pelos corpos

femininos na experiência do lugar de consumidora. Sabemos que cada vez mais o sistema capitalista condiciona o sentimento de pertença social ao consumo, as mulheres da terceira idade, asseguram a sua reinserção social pelo consumo de produtos de beleza, de tratamentos de embelezamento e rejuvenescimento caríssimos, de pacotes turísticos e outras formas de lazer, que só as mulheres idosas bem aquinhoadas podem assumir. Os corpos com registros de domesticidade, de maternagem, revelados pelas rugas, pelas gorduras localizadas, pelas olheiras, pelos seios caídos, estes não são corpos femininos emancipados e socialmente apreciáveis. Os corpos femininos jovens, adultos e velhos que são admitidos no planeta beleza e magreza, são os que estão mascarados de juventude, ausentes de registros da biografia feminina reveladora do seu cansaço, da sua velhice, de todos os vestígios de uma mulher imperfeita.

Susan Bordo em sua obra *“Gênero, Corpo e Conhecimento”*, organizada por ela e por Alison Jaggar, apresenta também algumas inquietações e preocupações com o fenômeno cultural da agorafobia. Ela descreve em seu artigo *“O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault”*, experiências de sujeição do feminino aos imperativos estéticos do século XX. A agorafobia e a anorexia são patologias de mulheres de classe média e média-alta, considerando-se que são mulheres que, conforme disse a autora, podem levar a linguagem da feminilidade até o excesso simbólico. Ela ainda enfatiza que *“ as patologias de protesto feminino, como a histeria no século XIX e a anorexia no século XX, chegaram ao ápice durante períodos históricos de reação cultural contra as tentativas de reorganizar os papéis masculino e feminino”* (1997, p.30).

O ideário feminino do século XIX investia em corpos femininos impressionáveis, narcisistas, assexuados. Já no Século XX, ainda baseada no que Susan Bordo falou em seu artigo acima citado, os corpos femininos revelam insegurança, infantilidade. As heroínas da cultura hipermoderna das mídias são muito magras, não são curvilíneas.

A nossa xenofobia estética e simbólica, inventada pela Modernidade em sua ânsia de classificações homogêneas, tem nos induzido a uma identificação com esses ideais de corporeidade e comportamentos apreciáveis socialmente. Os corpos femininos fabricados no cotidiano urbano de classe média e classe média-alta encaixam-se e/ou procuram incessantemente encaixarem-se na fôrma jovem de parecer e estar no mundo.

Os corpos femininos com os quais tenho entrado em contato, através da pesquisa em casas populares no bairro São José em João Pessoa são absolutamente estranhos aos ditames estéticos burgueses dos séculos XX e XXI. A demarcação das identidades etárias, determinada pelo Estatuto do Idoso, que estabelece que são consideradas idosas as pessoas a partir de 60 anos de idade, é desconstruída por esses corpos de mulheres mães/avós pobres que acordam e dormem diariamente em função do cuidado com o outro.

O bairro São José é um território que faz pulsar a cultura do medo no imaginário dos moradores do bairro de Manaíra. Decidi cruzar a fronteira geográfica entre Manaíra e o bairro São José por dois motivos: a informação por parte da minha secretária doméstica de que muitas avós cuidam de netos nesta comunidade e o meu desejo de olhar para o estranho tão repugnável no meu cotidiano de moradora que fica entre o território burguês e o território dos condenados da cidade-conceito utilizado por Loic Wacquant(2005) em seus estudos sobre a nova marginalidade urbana.

Foi um encontro/desencontro de dois mundos. Eu cheia de curiosidade e ao mesmo tempo, pudores e preconceitos preservadores das máscaras que sustentam o lugar da classe média contemporânea. Senti muitos impactos simbólicos relacionados às questões da higiene, da estética ambiental e feminina, das relações familiares,

intergeracionais e de gênero. Meu lugar de mulher, mãe, educadora pertencente à classe média foi sacudido violentamente em cada fala, em cada gesto, em cada beco que transito por ele nas ruas do Rio, do Meio e Principal.

Ao atravessar as cartografias do bairro São José senti um certo pânico, mesmo estando acompanhada por Cláudia, a minha secretária doméstica que morava desde criança naquela comunidade. O terrorismo simbólico motivado pela frequência de muitos assaltos realizados por adolescentes moradores do bairro em Manaíra- inclusive a minha mãe e minha irmã grávida de 08 meses foram vítimas dessa violência, com ameaça de morte. O ócio é tão presente lá que a minha herança de crenças fordistas que abominam a improdutividade, estimulada pelas mulheres que me educaram também foi agredida. Território de violência? Sujeira? Feiúra? Pobreza? Vagabundagem? A minha identidade preconceituosa de filha de classe média pensou tudo isso. Ao mesmo tempo, a minha sensibilidade ao outro, ao estranho, o fascínio pelo não dito, pelo que está no subterrâneo e na marginalidade, me empurrava para o universo simbólico das mulheres mães/avós que entrevistei, trabalhando com suas histórias de vida.

De repente me vi movida pela seguinte questão: o que é que dá sentido á vida dessas mulheres? Elas moram em um bairro onde o tráfico de drogas e o mundo do crime organizado estão lá bem representados pelos jovens rapazes que podemos chamar de bichos-danados- na denominação de Lia Zanotta Machado(2001) em sua pesquisa com jovens apenados de periferia em Brasília. Estes jovens recorrem à violência como um espetáculo, de forma a assegurar o seu pertencimento e o seu status dentro das gangs. Estes corpos jovens cínicos riem dos outros que seguem as regras sociais, dos que têm um projeto de inserção no mercado de trabalho a longo prazo e por vias honestas. Eles estão no tempo imediato, do fast-food (LIPOVETSKY: 1989). Só assim eles garantem a sua inserção no mercado do consumo de mercadorias de griffe ditadas pela estética jovem burguesa.

As mulheres de 50 e poucos anos com as quais tenho convivido na minha pesquisa, cercadas de jovens ameaçadores, de filhos e filhas que se recusam a assumir a adultez e os seus respectivos papéis, tais como : trabalhar e cuidar dos filhos, receptoras de uma renda mensal abaixo do salário mínimo, com uma saúde precaríssima, tendo que sustentar filhos e netos e cuidar dos netos, ainda encontram sentido para as suas vidas? Considero todas as mulheres entrevistadas idosas, uma vez que os seus corpos revelam fadiga, decadência e fragilidade. Cronologicamente só três das mães-avós que eu entrevistei têm 60 anos ou mais. Quanto aos corpos jovens femininos das mães que abandonaram os filhos, só tive contato com duas destas mulheres. Uma delas moradora do bairro, que segundo a mãe : *não é boa da bola, só vévi de arribada na rua, não tenho vergonha de dizer não, ela gosta mermo é de pedir esmola* (D. PERPÉTUA, DEZ.2006).

A outra jovem mãe que abandonou a filha para seguir a vida de prostituta, repetindo assim a trama de sua mãe, deixou a filha com a avó que lhe criou. D. Rosa criou os netos e agora está cuidando da bisneta. Entrevistei a mãe de Gérbera - a bisneta de D.Rosa- . Dotada de um corpo bem dentro dos padrões estéticos da ditadura da magreza, ela nos confessou que nunca gostou da avó, que preferia deixar a filha do que ter que conviver com aquela mulher chata que não parava de falar. Os outros corpos ausentes de homens e mulheres jovens que não reconheceram os seus filhos, ou reconheceram depois abandonaram, são corpos afirmadores de sua individualidade e de seus projetos sociais e negadores do seu vínculo familiar conjugal e/ou consanguíneo.

Os corpos enrugados femininos cuidam e não são cuidados, são hiperresponsabilizados pela vida de três gerações. Os corpos enrugados masculinos também têm assumido esse lugar, mas na minha pesquisa, tanto em Campina Grande,

quanto em João Pessoa, a feminização da velhice e da experiência da -avoternagem- expressão que eu utilizo para denominar as mães-avós estudadas, é marcante.

Os corpos enrugados também desejam e gozam. D. Violeta, 69 anos de idade, moradora do bairro São José, foi cuidadora de dois netos e agora está sendo cuidadora de dois bisnetos, casou o ano passado. Ela e seu companheiro Sr. Lírio me mostraram as fotos com muita alegria. Eles estão participando do grupo da terceira idade que foi criado no bairro. Lá organizaram um casamento coletivo e eles que estavam morando juntos há muito tempo, tinham o desejo de realizar a cerimônia de sua união, resolveram fazer parte do ritual. Eles são freqüentadores assíduos das atividades do grupo, educação física, danças e viagens, eles procuram participar de tudo. Sr. Lírio é o único homem do grupo.

D. Flor moradora do bairro de Bodocongó na cidade de Campina Grande, também é uma mulher desidentificada com a obsessão vitimária do feminino (LIPOVETSKY: 2000). Ela tem 64 anos de idade, cuida de 04 netos, filhos de três filhos seus, um deles é surdo. Os filhos trabalham e não têm tempo de cuidar. Os seus netos têm idade variável entre 05 e 13 anos, moram com a avó desde que nasceram, chamam-na de mãe e sentem muito medo de irem embora da casa dela. Ela disse que os netos não impedem nada em sua vida. Quando ela quer viajar para ver o seu pretendente que mora em Patos, ela vai. Falou dessa paquera com muita empolgação, como mulher desejante, narrando que foi um reencontro de amor da adolescência, ambos ficaram viúvos e se reencontraram. Quando indaguei a respeito da possibilidade de casamento, ela reagiu com muita resistência à perda de sua liberdade de ir e vir, de viajar, de paquerar. Ela prefere dividir o seu cotidiano doméstico com os netos do que com um marido. A plasticidade da subjetividade feminina está presente no discurso de D. Flor que valoriza, ao mesmo tempo, os vínculos familiares e a sua individualidade. Vale salientar que ela é remunerada pelos filhos para cuidar dos netos.

D. Perpétua, D. Verbena e D. Magnólia assumiram discursos afirmadores de corpos enrugados que cuidam, o que dá sentido às suas vidas é cuidar do outro. D. Perpétua confidenciou que só dorme no pé da porta pra ouvir tudo o que acontece com os seus netos que moram na casa da filha, vizinho a ela. Ela não confia na filha, disse que as crianças têm mais juízo que a mãe. D. Verbena vai se mudar do bairro São José porque a sua neta de 12 anos é muito bonita e está andando com má companhia. D. Magnólia, também moradora do bairro, alugou uma casa para morar e cedeu a sua para a filha que mora vizinho. Ela disse que avó é empregada doméstica, que a sua casa é uma creche, mas que adora isso, quando se cansa bota todo mundo para fora. Pelo que venho acompanhando do cotidiano dessa mulheres, elas não têm um projeto próprio, toda a dinâmica da sua vida é motivada pelas necessidades do outro, seja este outro: o marido, os filhos e os netos.

Os corpos masculinos idosos e jovens são tão ausentes do mundo doméstico onde eu tenho compartilhado expressivas experiências de vida, que acabo silenciando esse universo simbólico. Vejo que nas comunidades periféricas pesquisadas a presença da mulher idosa chefe de família é determinante. É como se masculinidade e juventude fossem experiências humanas inconciliáveis com o lugar de cuidadores. Os filhos neste cenário são tão ofuscados pelos desejos de vida urbana hedonista, quanto as pessoas idosas. O tempo da domesticidade e as sensibilidades produzidas no seu cotidiano são repugnados pelos sujeitos hipermodernos jovens e/ou masculinos famintos de visibilidade e de vivência do consumo e da hipersexualidade. Os laços consangüíneos neste universo de vínculos efêmeros e fugidios representam a única forma de sobrevivência dos afetos familiares. Neste caso, mais especificamente, as mulheres idosas mães-avós têm sido as guardiãs do sentimento de família e domesticidade.

O estudo sócio-antropológico sobre avós cuidadores de netos realizado na Paraíba mostrou que para a maioria das gerações jovens os ex-amores, os ex-filhos e a trama familiar, com todas as responsabilidades que estas impõem, negam a individualidade desses homens e mulheres no seu devir orgástico. Quem fica em casa, quem assume o cuidado e o sustento dos filhos dos amores líquidos, são os avós, sobretudo as mulheres, seus corpos são culturalmente invocados a pulsar em função do cuidado com o outro, seus desejos pessoais são deslegitimados pelas novas gerações.

REFERÊNCIAS:

- AMENO, Agenita. **Crítica à tolice feminina**. São Paulo: Record, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BORDO, Susan. **Gênero, Corpo e Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Atheliê Editorial, 2003.
- BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- CASTELLS, Manoel. **Era da informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.02. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- . **Razões Públicas, Emoções Privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DEBERT, Guita. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processo de representação do envelhecimento**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos- seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- . **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- GUATARRI, Félix et Suely Rolnik. **Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 4 ed., 1996.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1989.
- . **A Sociedade Pós-Moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor de novos tempos**. Tradução Armando Braio Ara. São Paulo: Manole, 2005.
- . **A Terceira Mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências: Gênero e mal-estar nas sociedades contemporâneas**. Brasília: Série Antropologia, n.290, 2001.

NERI, Anita Liberalesso et all (org.). **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. São Paulo: Alínea, 2003.

NOLASCO, Sócrates. **A Desconstrução do Masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SCHIRRMACHER, Frank. **A Revolução dos Idosos**. Tradução: Maria do Carmo Ventura. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2005.

SEGATO, Rita Laura. **Os Percursos do Gênero na Antropologia e para Além dela**. Brasília: Série Antropologia, n.236, 1998.